



AUTOFICÇÃO E NUGEDIS: RELATO SOBRE INTERVENÇÃO NO CHÃO DE SALA DO PROEJA E DO TÉCNICO SUBSEQUENTE¹

Eixo Temático 02 - A TEMÁTICA DE GÊNERO E SEXUALIDADES NO COTIDIANO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO: INTERVENÇÕES E DESLOCAMENTOS

Gandhia Vargas Brandão ²

RESUMO

Unindo o projeto de pesquisa “Ficções do Eu”, que consiste em aliar a movimentação estético-artística à construção de pensamento dos estudantes através da escrita, às ações desenvolvidas pelo Núcleo de Gênero de Diversidade (NUGEDIS) do IFB *Campus* Samambaia, o presente relato de experiência narra as intervenções realizadas ao longo de um semestre em turmas iniciais do curso Técnico em Edificações. Na sala de aula, foi proposto o desenvolvimento de escrita autoficcional, chamada por Conceição Evaristo de “escrevivência”, com discussões sobre gênero e diversidade prévias através de atividades lúdicas realizadas em sala de aula. Os principais resultados são, até o momento, de mitigação parcial dos preconceitos identificados inicialmente e de integração entre diferenças.

Palavras-chave: Gênero, Escrevivência, Equidade, Proeja, Nugedis.

INTRODUÇÃO

O ingresso das mulheres em profissões não tradicionais via formação em Cursos Técnicos, tais como o Curso Técnico em Edificações, revela desafios únicos para as mulheres que buscam ingressar nessa área historicamente dominadas por homens.

¹ Trabalho resultante de junção do projeto de pesquisa “Ficções do Eu – diluição sujeito-objeto e subjetividades femininas na escrita” com ações do Núcleo de Gênero e Diversidade (Nugedis) do IFB *Campus* Samambaia.

² Professora EBTT no Instituto Federal de Brasília (IFB) *Campus* Samambaia, Coordenadora do Núcleo de Gênero e Diversidade (Nugedis) do IFB *Campus Samambaia*, Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB) gandhia.vargas@ifb.edu.br.



Enquanto professora de Língua Portuguesa desses cursos, percebo esforços empreendidos para aumentar a representação feminina nessa área e obstáculos enfrentados por mulheres no ambiente profissional, como preconceitos e reforço de estereótipos de gênero.

No intuito de contribuir com a construção de uma possível equidade entre mulheres e homens no campo das Edificações, decidi aliar algumas das práticas de escrita do curso ao necessário letramento de gênero de duas turmas de primeiro semestre do curso Técnico em Edificações: Língua Portuguesa I, Proeja Módulo I e Leitura e Produção de Texto, Subsequente, Módulo I, do segundo semestre de 2024. A ideia deu certo e continuo desenvolvendo o projeto com as turmas do primeiro semestre de 2025.

Visando aliar a movimentação estético-artística à construção de pensamento autônomo dos estudantes, utilizei a autoficção para instigar a observação e a reflexão em direção à construção do aprendizado coletivo. Autoficção, segundo Anna Faedrich (2015), é o resultado da mistura da autobiografia, em que o compromisso com a veracidade é significativo, com o romance, em que o compromisso com a ficção impera.

O objetivo geral do projeto, descrito nesse relato, é aliar a arte literária à construção e reconstrução de subjetividades tanto através da investigação da obra de autoras mulheres quanto através da própria escrita autoficcional. Já os objetivos específicos são identificar se a mudança de perspectiva se dá por conta da narrativa da experiência pessoal (oral ou escrita), demonstrar a importância da escrevivência para a construção do pensamento na educação, impulsionar os multiletramentos nas diversas áreas de conhecimento com a prática da escrevivência, e integrar núcleos do *Campus* na pesquisa.

A obra da professora integrante do corpo docente do *Campus* Samambaia Fernanda Ribeiro Queiroz de Oliveira, “Sete passos para autores anônimos” (2022) é aliada primordial do projeto, pois encaminha o leitor a uma prática de escrita prazerosa e divertida.

Há integração com as atividades do Núcleo de Gênero de Diversidade (Nugedis) com a promoção de trocas de experiências e movimentação não somente de ideias, mas também construção de caminhos nas reuniões formativas e encontros presenciais com a



participação da comunidade geral. Os temas relacionados à equidade de gênero são trabalhados nos encontros e os estudantes das turmas em foco são estimulados a participar.

Toda essa movimentação vem resultando na transformação do ambiente do curso Técnico em Edificações em direção à formação de ambientes profissionais mais equitativos.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente proposta requer metodologia mista, a depender da fase do projeto. Inicialmente, a investigação fez uso da metodologia de pesquisa bibliográfica no intuito de coletar dados acerca do assunto, gerar reflexões e questionamentos para selecionar os textos que melhor se adequam às necessidades de cada grupo.

Em um segundo momento, atividades como rodas de conversa, criação de *game shows* e *talk shows*, encenação de *podcasts* e telejornais etc. se realizaram para o aprofundamento das obras das escritoras. Os encontros do Nugedis também são locais de aprofundamento dos temas e subtemas que atravessam tanto as obras das autoras quanto as obras teóricas selecionadas na fase de pesquisa bibliográfica.

O terceiro momento foi de produção artístico-literária (oral ou escrita) dos estudantes com o embasamento técnico adquirido nas fases anteriores.

O quinto e último momento foi de conclusão do projeto com este relato de experiência, trazendo análise do resultado da produção artístico-literária enquanto construtora de subjetividade e da escrevivência enquanto impulsionadora de multiletramentos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando bell hooks diz que “Uma literatura que ajuda a informar uma multidão de pessoas, que ajuda indivíduos a compreenderem o pensamento e as políticas feministas, precisa ser escrita em uma vasta gama de estilos e formatos.” (HOOKS, 2018),



ela acessa justamente a dificuldade de compreensão de textos acadêmicos que possui a população em geral. A educação para um mundo equitativo deve necessariamente passar pela escola e, preferencialmente, ser iniciada nos lares, até que se torne culturalmente parte de uma sociedade transformada.

Por outro lado, Chimamanda Ngozi Adichie ressalta o desconforto resultante das discussões sobre gênero e como as pessoas tendem a evitar o assunto, visto que a ideia de mudança de *status quo* não é agradável. Ela narra, em seu livro “Sejamos todos feministas” (2015), que pessoas propõem a utilização de “direitos humanos” no lugar do termo “feminismo”. No entanto, para Adichie, ao fazer isso, estaríamos não somente negando a especificidade do problema de gênero, mas também fingindo que as mulheres não vêm sendo excluídas desde sempre na maior parte das culturas.

Sendo assim, após três semanas de observação das turmas, foram escolhidas autoras que dialogam com vivências cotidianas dos estudantes: Meimei Bastos e Conceição Evaristo. Esta última, além das obras literárias, é criadora do conceito de escrevivência que utilizamos no projeto: a escrevivência significa e permite a reescritura da própria história brasileira a partir das vozes de pessoas que sofrem processos de exclusão (GUZZO, 2021). De maneira respeitosa e com muita admiração, praticamos a escrevivência coletivamente, como a criadora propõe e como é descrito no relato de experiência, para que possamos também reescrever a história com inserção das mulheres.

O relato de experiência é a modalidade de redação acadêmico-científica que melhor se adequa para registrar o desenvolvimento e os resultados do projeto, pois permite descrever os fenômenos de forma abrangente e crítica-reflexiva. Mussi, Flores e Almeida definem o relato de experiência como a expressão escrita de vivências, uma produção de conhecimento que descreve uma intervenção. (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021)

É diferente da pesquisa autobiográfica, que é a “escrita de si” sobre como os docentes vivenciam seus próprios processos de formação e tecem reflexões sobre suas experiências no magistério, construindo uma consciência histórica de si. Todavia, pode fazer parte do material de autoanálise do docente. (PASSEGI; SOUZA; VICENTINI, 2011)



Trazendo para nosso contexto, o relato de experiência traz as vivências dos estudantes do Curso Técnico em Edificações - Proeja e Subsequente no processo de aprendizagem de leitura e escrita através do contato com textos de autoria feminina e feminista, cujo aprofundamento se dá de forma lúdica, divertida e prazerosa, tornando o ensino mais envolvente e estimulando o aprendizado, evitando que os estudantes refutem o processo de letramento de gênero que se instaura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 07 de outubro de 2024, o segundo semestre letivo foi iniciado e foram recebidas duas novas turmas de estudantes no Curso Técnico em Edificações: O Proeja, Módulo I e o Subsequente, Módulo I. Fiquei responsável pela disciplina Língua Portuguesa I, com o Proeja e Leitura e Produção de Textos, com o Subsequente. O fato de ter sido um semestre letivo que atravessou os feriados de fim de ano, com um pequeno recesso, sendo finalizado em 21 de fevereiro de 2025, não interferiu no desenvolvimento das intervenções.

Ainda na avaliação diagnóstica realizada no primeiro encontro, notei a disparidade entre o número de mulheres e o número de homens, sendo este muito maior em ambas as turmas – 80%. A necessidade de letramento de gênero foi igualmente percebida de imediato na mesma avaliação. Os resultados nas duas turmas foram muito semelhantes, portanto, vou me referir a ambas concomitantemente ao longo do relato.

Nas duas aulas seguintes, trabalhamos com os conceitos de estrutura textual, gêneros e tipos textuais e o “Passo 1” do livro da Professora Fernanda Oliveira (2022), que propõe a escrita de um conto, apresentando um passo a passo. Apenas acompanhamos a proposta e lemos o resultado de autoria da professora. Não pedi que escrevessem o próprio conto naquele momento.

Quando, finalmente, na quarta semana, apresentei o poema “Quintal”, de Meimei Bastos, tanto via suporte escrito quanto via videopoema, houve identificação de muitos estudantes das duas turmas, pois o poema trata de uma criança que acompanha a mãe em um dia de trabalho e percebe discrepâncias entre o local onde vive e o local onde a mãe



trabalha, o que ocasiona reflexões e questionamentos sobre desigualdade social. Importante ressaltar que o *Campus* Samambaia do IFB, onde o curso é ofertado, fica em Samambaia, uma das Regiões Administrativas do Distrito Federal, região periférica de Brasília.

Aproveitei para provocar os estudantes mostrando que, no contexto do poema, mesmo após um dia inteiro de trabalho com a filha a tiracolo, a mãe chega em casa e vai cuidar de afazeres domésticos em mais um turno de trabalho. Ao perguntar se há semelhança com suas rotinas, os homens, em sua maioria, demonstraram sentimentos de raiva, confusão, indignação e, principalmente, apresentaram as mais diversas justificativas para o fato de não terem esse turno extra quando chegam em casa: “As mulheres não deixam a gente fazer nada.”; “Nosso jeito nunca está bom.”; “Elas não dizem o que é pra fazer.”; “Se eu trabalho, eu quero chegar em casa e ter tudo pronto, porque eu que pago tudo.”, etc. As poucas mulheres das turmas - em torno de 20% - se defenderam provando sua sobrecarga, mas sem sucesso.

A reflexão foi instaurada e o trabalho foi iniciado. Para amenizar a tensão, voltei ao tema principal do poema, o quintal, pedi para que relembassem suas infâncias e narrassem sobre algum lugar onde brincaram, assim como a criança do poema: catando azedinha, tomando banho de bacia com água “temperada” e olhando o céu estrelado. Os relatos autoficcionais foram os mais belos e emocionantes possíveis. Além disso, alguns estudantes mencionaram os cuidados que recebiam das mães e demonstraram sua gratidão.

A partir de então, procurei relacionar as reflexões com a área de edificações. Em uma das aulas, propus a criação de *Talk Show* com apresentador, entrevistados e plateia. O tema era “Mulheres na Construção Civil”. A plateia deveria reagir e fazer perguntas aos entrevistados. Na turma do Subsequente, tudo correu bem, apesar das polêmicas. Contudo, na turma do Proeja, houve dificuldade de apaziguar os ânimos e eu tive que interferir. Duas das mulheres não aceitaram as falas de um dos “entrevistados”, que, por mais que tentasse, não conseguia se libertar de ideias retrógradadas em relação à existência das mulheres, insistindo que não estava sendo machista.



Muitas vezes, o machismo está presente em nosso discurso de forma inconsciente, pois é parte da estrutura social à qual pertencemos: “ (...) todos nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas.” (HOOKS, 2018). A fala do estudante “Eu deixo minha esposa trabalhar, se ela quiser, mas ela gosta de ficar em casa sem fazer nada.” Revela uma intenção de benevolência. Entretanto, as mulheres não precisam da benevolência masculina, mas sim de autonomia. Além disso, essa mulher não fica em casa “sem fazer nada”. Ela realiza os trabalhos invisíveis que, se fossem remunerados, adicionariam 8,5% ao PIB do país, segundo a FGV. Utilizei o exemplo para mostrar que esse comportamento condescendente não deve se reproduzir no ambiente de trabalho e pedi, utilizando o “Passo 2” do livro da Professora Fernanda Oliveira (2022), que escrevessem uma crônica sobre os acontecimentos do *Talk Show*, com o uso de ironia, o que resultou em relatos pessoais bem divertidos. Mais um momento em que a “escrevivência” atuou como local de escuta e de conhecimento,

Um último exemplo de intervenção feita ao longo do semestre foi a montagem de um telejornal para noticiar os acontecimentos narrados no conto “Zaíta”, do livro “Olhos d’Água”, de Conceição Evaristo. Equipes de reportagem foram montadas e as apresentações foram bastante envolventes provando que se aprofundaram na leitura do conto. Depois, coloquei alguns pontos para discussão: a mãe era agressiva? O local em que vivia favorecia outro tipo de comportamento? As condições de vida colaboravam para o estado de saúde mental em que a mãe se encontrava? Onde estava o pai? As mais diversas opiniões surgiram e, ao direcionar para o mercado de trabalho, mencionei a dificuldade de uma mãe solo conseguir ser inserida.

Conheço uma mulher que tem o mesmo diploma e o mesmo emprego que o marido. Quando eles chegam em casa do trabalho, a ela cabe a maior parte das tarefas domésticas, como ocorre em muitos casamentos. Mas o que me surpreende é que sempre que ele troca a fralda do bebê ela fica agradecida. Por que ela não se dá conta de que é normal e natural que ele ajude a cuidar do filho? (ADICHIE, 2015)

Para encerrar a atividade, propus aos estudantes que escrevessem um texto de qualquer gênero/tipo sobre suas próprias mães, cujos receptores fossem eles mesmos. Um texto de si para si sobre a sua mãe. A este texto eu não teria acesso, a não ser que eles se sentissem à vontade. Sei que produziram, pois os comentários que trouxeram sobre a



catarse ocorrida no processo de escrita foram chegando gradativamente, tanto nas aulas seguintes, quanto nos corredores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após diversas intervenções ao longo do segundo semestre letivo de 2024 do Curso Técnico em Edificações do IFB *Campus* Samambaia – Proeja e Subsequente, bem como da participação dos estudantes nos encontros formativos do Nugedis, podemos concluir que os preconceitos e estereótipos de gênero dos estudantes de ambas as turmas são menores que no início do semestre.

Além do discurso, o comportamento dos estudantes foi mudando à medida que as intervenções foram sendo realizadas e que os textos de autoficção foram sendo escritos. Esse fato ocasiona integração com suas respectivas áreas de conhecimento e bases tecnológicas, impulsionando multiletramentos, um dos objetivos específicos do projeto.

A arte literária foi aliada à construção e reconstrução de subjetividades tanto através da investigação da obra de autoras mulheres como Meimei Bastos e Conceição Evaristo, quanto através da própria escrita autoficcional, com a produção textual realizada pelos estudantes em cada intervenção. Houve mudança de perspectiva gradual e demonstrando a importância da escrevivência para a construção do pensamento na educação.

É claro que apenas uma disciplina do primeiro semestre não vai resolver a falta de representatividade feminina nas Edificações ou sanar os obstáculos enfrentados pelas mulheres no ambiente profissional. O intuito deste trabalho é contribuir para a construção de uma possível equidade tanto em sala de aula quanto nessa área de trabalho que, aos poucos, vai se tornando lugar de todas e todos.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



BASTOS, Meimei. Um verso e mei.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FAEDRICH, Anna. **O Conceito de Autoficção**: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. Itinerários. Araraquara, n. 40, p.45-60, jan./jun. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/gandh/Downloads/03-Artigo+3.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2025.

GUZZO, Morgani. **Conceição Evaristo**: a escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. Portal Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

HOOKS, bell. **o feminismo é para todo mundo** – políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

MUSSI, R.; FLORES, F.; ALMEIDA, C. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico**. Revista Práxis Educacional. Vitória da Conquista, vol.17, n.48, out./dez 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060>. Acesso em: 23 abr. 2025.

OLIVEIRA, Fernanda R. Q. **Sete passos para autores anônimos**. Brasília: Ed. da Autora, 2022.

PASSEGI, M.; SOUZA, E.; VICENTINI, P. **Entre a vida e a formação**: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Scielo Brasil. Dossiê Educação, vol. 27, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?lang=pt>>. Acesso em: 23 abr. 2025.